



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

TAMARA RABESH DE ARAUJO BACELAR

**APESAR DE TUDO, ELAS ESCREVEM O QUE PENSAM: AS LEITURAS E
VIVÊNCIAS DE MULHERES NAS PÁGINAS DO JORNAL INOVAÇÃO ENTRE OS
ANOS DE 1977 A 1984.**

**PARNAÍBA-PI
2024**

TAMARA RABESH DE ARAUJO BACELAR

**APESAR DE TUDO, ELAS ESCREVEM O QUE PENSAM: LEITURAS E
VIVÊNCIAS DE MULHERES NAS PÁGINAS DO JORNAL INOVAÇÃO ENTRE OS
ANOS DE 1977 A 1984.**

Artigo apresentado à Universidade Estadual do Piauí, campus Professor Alexandre Alves de Oliveira, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em História. Orientadora: Professora Dra. Mary Angélica Costa Tourinho.

**PARNAÍBA-PI
(2024)**



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
COORDENAÇÃO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA



ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
(conforme RESOLUÇÃO CEPEX 014/2011 de 13 de maio de 2011)

Aos 13 dias do mês de junho de dois mil e vinte e quatro, às 14:40 horas, na sala do google meet vxz-rnqn-aei, na presença da banca examinadora, presidida pelo(a) professor(a) **Mary Angélica Costa Tourinho** e composta pelos seguintes professores membros: **Felipe Augusto dos Santos Ribeiro** e **Fernando Bagiotto Botton**, o(a) aluno(a) **Tamara Rabesh de Araujo Bacelar**, apresentou o Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura Plena em História, como elemento curricular indispensável à colação de grau, tendo como título: **APESAR DE TUDO, ELAS ESCREVEM O QUE PENSAM: AS LEITURAS E VIVÊNCIAS DE MULHERES NAS PÁGINAS DO JORNAL INOVAÇÃO ENTRE OS ANOS DE 1977 A 1984**. A banca examinadora reunida em sessão reservada deliberou e decidiu pelo resultado **aprovada** ora formalmente divulgado ao(a) aluno(a) e aos demais participantes, e eu professor(a) Mary Angélica Costa Tourinho, na qualidade de presidente da banca lavrei a presente ata que será assinada por mim, pelos demais membros e pelo(a) aluno(a) apresentador(a) do trabalho.
A nota concedida pela banca: 10,0 (dez)

Documento assinado digitalmente



MARY ANGELICA COSTA TOURINHO
Data: 17/06/2024 17:18:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra.

Mary Angélica Costa Tourinho

Documento assinado digitalmente



FELIPE AUGUSTO DOS SANTOS RIBEIRO
Data: 18/06/2024 13:24:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dr.

Felipe Augusto dos Santos Ribeiro

Documento assinado digitalmente



FERNANDO BAGIOTTO BOTTON
Data: 18/06/2024 10:52:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr.

Fernando Bagiotto Botton

Documento assinado digitalmente



TAMARA RABESH DE ARAUJO BACELAR
Data: 17/06/2024 20:26:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Aluno(a)

Tamara Rabesh de Araújo Bacelar

“Está tudo bem. Quando você olhar para trás,
tudo se tornará memórias e lições”.

(Min Yoon-gi)

AGRADECIMENTOS

Ao longo do meu percurso acadêmico foram vários os desafios, sobretudo nesta reta final. Entretanto, algumas pessoas/anjos estiveram ao meu lado, contribuindo de forma direta ou indireta para a composição desta pesquisa e também para que os dias se tornassem mais leves e agradáveis. A essas pessoas, aqui dedico brevemente o meu profundo agradecimento.

A Deus, meu grande pai e amigo que em nenhum momento me deixou sozinha, mesmo quando minhas inseguranças gritavam alto. Sem ele, nada disto seria possível.

À pequena Rabesh, minha criança interior. Apesar de ainda ter muito aprendizado pela frente, eu sei que você está muito orgulhosa e admira a mulher que nos tornamos e onde chegamos. Obrigada por não ter desistido, confie mais em si mesma, você é capaz.

À minha amada mãe Espírito Santo, obrigada pela paciência por todos os chás de camomila e sucos de maracujá. Dedico este trabalho à senhora, que é a mulher mais forte que conheço e que me inspirou a pesquisar sobre as desigualdades de gênero. Ainda que não tivesse acesso formal aos levantamentos das lutas femininas, suas falas instintivamente sempre me fizeram refletir sobre o assunto. Criou sozinha duas filhas e fizesse sol ou chuva, me levou todos os dias em uma moto para a faculdade. Obrigada por todo o esforço investido em mim, mãe, te amo.

À minha estimada irmã Anna Beatriz, por todas as conversas e aprendizados, pelo apoio e por ceder um computador que possibilitou a realização desta pesquisa. Você é gigante, e me inspira. Obrigada por ser não só a minha irmã, mas minha amiga. Suas contribuições para este trabalho e para a minha vida são imensuráveis. Obrigada por sempre estar na torcida pelo meu aprendizado e por tanto, te amo!

À minha avózinha materna Alice Bacelar, tô aqui pela senhora vó! Sem dúvidas, todos os seus ensinamentos e vivências me incentivaram a chegar até aqui hoje. Obrigada pelo constante apoio ao longo da minha jornada educacional. Sua 'bonequinha' te ama para sempre.

Ao mais novo membro da família, meu sobrinho Francisco André, que só de ter nascido mudou completamente minha vida, para melhor. Nunca vi criança mais iluminada, sua existência me dá forças para continuar, tia ama você.

À minha amiga e pessoa de conforto, Amandinha Barbosa, que é também minha dupla dinâmica desde o ensino médio, e uma das inspirações para que eu ingressasse no curso de História. Obrigada por todos os abraços reconfortantes, pela paciência, e pelos valiosos feedbacks e insights. Sua presença ao meu lado foi uma fonte de encorajamento e motivação,

e sou profundamente grata por ter você como parte da minha jornada. Te amo, amiga! Sua companhia sempre fez toda a diferença na minha vida.

À minha querida amiga Andréia Sousa. Sua prontidão em fornecer os livros que eu precisava, além de enviar materiais relevantes sobre o tema da minha pesquisa, foi além de qualquer expectativa. Sua constante disposição em ajudar e seu apoio incondicional foram essenciais para o desenvolvimento do meu trabalho. Obrigada por tudo, amiga! Sua amizade é muito especial para mim, amo você.

À mestra Anna Beatriz de Araújo Freitas, que mesmo sem ter me conhecido pessoalmente se colocou à disposição em compartilhar seus vastos conhecimentos. Obrigada pelas conversas proveitosas que ampliaram meus horizontes e reforçaram minha autoconfiança, você é brilhante.

Aos meus valorosos amigos Pedro Ivo, Márcio Alexandre, Lohanna Nycole, Letícia Cavalcante e Viviane Freitas. Obrigada por me creditarem tantas qualidades, pelos momentos de descontração e vivências que, de longe ou perto, me ajudaram a manter o equilíbrio. Vocês têm meu amor e são muito importantes em minha vida.

Aos queridos professores, Mary Angélica Costa Tourinho - minha orientadora e inspiração, Fernando Bagiotto Botton, Felipe Augusto dos Santos Ribeiro e Idelmar Gomes Cavalcante Júnior. Tenho profunda admiração pela forma que exercem não somente sua profissão, mas seu lado humano. Seus ensinamentos foram fundamentais para que eu pudesse pensar por outras perspectivas. Obrigada!

À mente afiada Assunção Mendes, pelas longas conversas sobre representação e persistência, obrigada.

À minha adorável felina, Maria Titinha, que durante toda a produção de trabalhos acadêmicos ficou por perto me encorajando pelo simples fato de existir, sua presença tem poderes curativos. Ela não pode compreender isso verbalmente, mas queria deixar aqui minha gratidão e amor demonstrados.

E por fim, expresso aqui minha gratidão ao universo, por me guiar e me mostrar através de conquistas como esta que estou caminhando certo. Sou grata que, mesmo com as adversidades, as pessoas certas vieram me apoiar. Agradeço pelo meu amadurecimento e pela rica oportunidade de embarcar nesta jornada acadêmica e completar mais este ciclo.

APESAR DE TUDO, ELAS ESCREVEM O QUE PENSAM: AS LEITURAS E VIVÊNCIAS DE MULHERES NAS PÁGINAS DO JORNAL INOVAÇÃO ENTRE OS ANOS DE 1977 A 1984

Tamara Rabesh de Araujo Bacelar

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar as representações sobre as mulheres, bem como as manifestações das mesmas no jornal *Inovação* entre os anos de 1977 a 1984. O periódico analisado é considerado um documento relevante para a imprensa alternativa na cidade de Parnaíba-PI na época estudada. Dessa forma, buscamos compreender qual a percepção passada sobre as mudanças que se processavam na sociedade, a respeito das mulheres, bem como das mobilizações empreendidas sobre o movimento feminista no Brasil, que costumava ganhar foro nessa modalidade jornalística, de maneira favorável ou não, para as reivindicações desse movimento que ganhava notoriedade no período. Para isso, analisamos as práticas discursivas trazidas em algumas passagens do jornal *Inovação*, tratando também sobre a discussão de um conceito que está imerso nesta abordagem, o de representação. Diversos/as autores/as nos auxiliam na análise sobre: o conceito de representação – Pierre Bourdieu, Roger Chartier e Carla Bassanezi Pinsky; sobre periódicos: Tânia de Luca, Heloisa Cruz e Maria Peixoto; movimento feminista em suas diferentes manifestações ao longo do século XX – Sarti, Michelle Perrot, Heleieth Saffioti, Joana Maria Pedro e Maria Paula Araujo. Neste trabalho, portanto, vemos o olhar de um jornal constituído na sua maioria por homens, acerca das mulheres e seu papel social nesse recorte temporal e local, em um contexto político onde a ditadura ainda se fazia presente, embora já pressionado pelos diversos movimentos sociais, dentre muitos, o feminista, sem deixar de apresentar a voz das mulheres que conseguiam se manifestar no referido jornal.

Palavras-chave: Mulheres. Jornal *Inovação*. Representação.

Introdução

Ao adentrar no curso de História, ficamos deslumbrados com debates acerca de uma gama de temas intrínsecos às humanidades. Dentre essas muitas temáticas, nos chamou a atenção o estudo sobre as questões de gênero, tais como as lutas e o silenciamento das mulheres, e como a influência das representações femininas na imprensa causam impactos no imaginário coletivo e constroem comportamentos, muitas vezes naturalizados. Esse trabalho nasce de uma longa operação de formação que, de forma mais evidente, inicia-se com leituras referentes a gênero. O constante diálogo com professores e colegas acerca do assunto, nos levou a dirigir nosso olhar para os periódicos da cidade de Parnaíba - PI, onde faço a minha graduação, buscando as mulheres nesse espaço entre as décadas de 1970 a 1980. De modo mais específico, focalizamos os anos de 1977 a 1984, período em que, de acordo com Sarti (2004), o movimento feminista vivia sua “segunda onda”, e no Brasil desempenhou um papel crucial na luta por igualdade de gênero e direitos das mulheres. Em meio à Ditadura Militar, as mulheres ativistas enfrentaram repressão política e buscaram garantir direitos individuais. Suas pautas incluíam a igualdade salarial, acesso à educação, participação política, luta pela legalização do aborto, e o combate à violência doméstica e sexual.

Sabemos que não se pode tratar os fenômenos da mesma forma em todos os lugares, pois as lutas e os movimentos sociais e culturais, não são homogêneos, e nem chegam ao mesmo tempo a todos os lugares, mas, vivendo em uma sociedade em que a informação circula, é possível perceber a presença de movimentos sociais em lugares que contam com a presença de sujeitos – mulheres, trabalhadores, etc. – que sentem as pressões sociais, culturais e políticas sobre as suas vidas, e portanto, aceitando ou negando as novas ideias, se relacionam com as mesmas. De alguma forma o debate aparece. Considerando essas questões, nos propomos a refletir sobre como esses processos estavam ou não, presentes na vida das mulheres parnaibanas da época, que circulavam no espaço urbano, tinham acesso à instrução e consumiam esse tipo de periódico, por meio dos discursos e notícias produzidos na imprensa local. O olhar dirigido às mulheres, e as falas de mulheres no jornal *Inovação*, nos permitirá entender como as mobilizações empreendidas por elas vão ser lidas, e também, os conflitos e as percepções de um jornal fundado por homens¹ - Francisco José Ribeiro e Reginaldo

¹ O jornal *Inovação* - popularmente conhecido apenas como *Inovação* - foi um importante periódico de Parnaíba, Piauí e região. Seus fundadores são: Francisco José Ribeiro e Reginaldo Ferreira da Costa. O jornal começou a circular em 1977 e continuou até 1988, abordando diversos temas, como política local, enchentes, festivais de música e questões ambientais. Embora tenha deixado de ser publicado regularmente, ainda houve edições

Ferreira da Costa – sendo também a maioria de seus colaboradores, embora contasse com a participação de mulheres, como veremos adiante.

O jornal *Inovação*, assim como o próprio nome sugere, se propunha a questionar velhos preceitos, sendo voltado principalmente para a contestação de problemas políticos e sociais (Mendes, 2015). Embora saibamos que na análise de uma fonte jornalística, seja preciso considerar mudanças e continuidades ao longo dos anos mencionados, procuramos examinar os padrões comportamentais considerados ideais, neste caso, para mulheres da época, assim como qual era a visão desse periódico sobre o comportamento feminino.

Em algumas de suas edições iniciais, o *Inovação*, trazia ainda um formato datilografado reproduzido em mimeógrafo – mais tarde foi produzido em *offset* - instrumento que permitiu a toda uma geração, a divulgação de ideias e textos com diferentes finalidades políticas e artísticas, de forma mais barata e acessível. Segundo Márcio Renato dos Santos (2015, p. 21) foi um: “Fenômeno da década de 1970, a geração mimeógrafo reuniu jovens poetas que produziram à margem do sistema editorial brasileiro e deixaram como legado uma maneira mais livre, leve e solta de escrever, agir artisticamente e viver”. Em vários números do *Inovação*, encontramos alusão à sua prática como “jornalismo de mimeógrafo”. A presença desse tipo de imprensa, que pretendia ser independente e contestatória, já é um demonstrativo do poder de expansão da comunicação e do que ela podia e pode levar junto. Os assuntos que essa geração se propunha a trazer, vinham junto com o uso dessa tecnologia permitindo que outras ideias chegassem a um público maior do que aquele que produzia o jornal.

No editorial de apresentação do jornal *Inovação* em seu primeiro número – dezembro de 1977, n. 1 - fica claro inicialmente a sua vinculação política com o MDB Movimento Democrático Brasileiro, que naquele momento, mesmo sendo aceito dentro de uma estrutura política ditatorial que só aceitava dois partidos, fazia oposição ao outro partido, a ARENA (Aliança Renovadora Nacional) que era o da situação e apoiava o regime militar. O título do editorial era o seguinte: “Inovação e a ala jovem do MDB”.

O jornal *Inovação* deixava claro a sua filiação política, defendia a constituinte, denunciava a carência de instituições de promoção de conhecimento, a exemplo de bibliotecas e centros culturais, e chamava a atenção para as mudanças que precisavam ser acompanhadas

especiais em 1992, 2019 e 2020. No ano de 2020, o Curso de História da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) lançou um Acervo Digital do jornal *Inovação*, que está disponível na Plataforma Mundos do Trabalho Piauí. Para mais informações, acesse: <http://www.mundosdotrabalhopi.com.br/p/jornais.html>. Saudamos aqui o projeto de digitalização encabeçado pela atuação do professor Felipe Augusto dos Santos Ribeiro, pois essa pesquisa foi possível graças a essa iniciativa.

pela sociedade, principalmente pelos os jovens parnaibanos: “Por todos os ideais da nossa juventude, pelo bem da nossa gente acompanhemos o progresso do homem, do homem interessado pela cultura, pela informação e pela criatividade”. (Inovação, nº 01, 1977, p. 01). Esse perfil ligado a política partidária levaria o jornal a estranhar ou não achar pertinentes, para as lutas políticas que eram levadas, algumas manifestações e reivindicações do movimento feminista, como veremos adiante.

Sobre o recorte espacial, a cidade de Parnaíba, busca-se contribuir de forma científica e socialmente com a História do lugar, sem desconsiderar-se as conexões inerentes ao restante do país. A relevância da pesquisa resulta da ampliação do conhecimento já existente acerca do tema, e também pela necessidade em abordar algumas questões de efervescência do Brasil daquela época que afetaram a vida das mulheres, de modo mais específico para esse trabalho, para as que viviam na cidade de Parnaíba e tinham acesso ao espaço letrado, circulavam no ambiente urbano e eram mais influenciadas pelos movimentos que chegavam pelos meios de comunicação.

O artigo estrutura-se da seguinte maneira, contamos com duas subseções, onde trazemos uma tabela que evidencia as participações femininas neste jornal, dentro do nosso recorte temporal. Apontamos o entendimento de Roger Chartier, Pierre Bourdieu e Carla Bassanezi Pinsky acerca do que significa representar, conceito que consideramos fundamental como suporte teórico para a compreensão do tema. Trazemos recortes aonde as mulheres, tanto são representadas, quanto se manifestam, dentro de um contexto onde as pautas feministas ganham espaço, o que não significa que elas estejam presentes em todos os recortes que vamos fazer. Para o desenvolvimento do texto, embasamos nossa narrativa com autores que são referência nos estudos sobre gênero, movimentos feministas, e/ou abordam o panorama histórico entre 1970 a 1980, como Michelle Perrot, Heleieth Saffioti, Joana Maria Pedro e Maria Paula Araujo e Joan Scott. Para pensar acerca dos ideais do jornal *Inovação* temos por base Sérgio Mendes². Ao longo do texto também enfatizamos o valor do jornal como fonte de pesquisa, para isso utilizamos autores que nos orientam sobre a análise de periódicos como Tânia de Luca, Heloisa Cruz e Maria Peixoto³.

A natureza do trabalho se dá como exploratória e descritiva, pois tem o intuito de familiarizar o leitor com o tema e descrever a problemática. Se tratando da investigação de

² Mestre em História, Sérgio Luiz da Silva Mendes volta parte de suas pesquisas para o estudo do jornal *Inovação*, bem como em sua dissertação “SEM MEDIR AS PALAVRAS: atuações do Jornal *Inovação* em Parnaíba - PI (1977-1982)”.

³ Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto são as autoras de uma pesquisa intitulada “Na oficina do historiador: conversas sobre História e imprensa” (2007), onde discutem, dentre outras questões, sobre procedimentos teórico-metodológicos de tratamento quando se utiliza a imprensa como fonte de pesquisa.

como são representadas as mulheres no jornal *Inovação*, pretendeu-se compreender através de enunciados e imagens questões como o caráter ideológico observado nos textos analisados. Além disso, existe o fato de como a interpretação das fontes necessita ser colocada, uma vez que o assunto problematizado vincula elementos como história, linguagem e as significações que expressões podem trazer, considerando também que a fonte de pesquisa é basicamente um periódico. (Cruz; Peixoto, 2007). Portanto, a intenção ao longo deste trabalho foi analisar os discursos produzidos pelos redatores⁴ e colaboradores⁵ do jornal *Inovação*, enfatizando sobretudo a representação feminina, atentando sobre como ela é colocada nesse documento.

A escolha do título “apesar de tudo elas escrevem o que pensam” no tempo presente se dá pela reflexão de que, embora o trabalho venha tratando dos anos 1977 a 1984, o tema ainda se faz atual. No sentido que as discussões comentadas se estendem até os presentes dias, uma vez que as mulheres ainda tem que procurar espaço de manifestação e serem resistência em um sistema onde muitas vezes os homens respondem pelos corpos das mulheres.

Representação e manifestação de mulheres no jornal *Inovação*

Ao longo da história ocidental moderna, sabe-se que enquanto os homens foram tomando as posições públicas e de destaque, as mulheres ao contrário, muitas vezes silenciadas, tiveram que lutar até mesmo pelo direito à educação escolarizada e ao voto. Nesse sentido, a escolha do tema "As leituras e vivências de mulheres nas páginas do *Inovação* entre os anos de 1977 a 1984" se fundamenta na relevância de compreender as representações sociais e os padrões de gênero que se apresentavam, ou eram considerados como ideais para a sociedade parnaibana durante o período abordado.

O papel da mulher na sociedade é uma temática intrinsecamente ligada às dinâmicas sociais, culturais e políticas, e sua análise através das lentes da imprensa permite uma compreensão mais detalhada e contextualizada. Apesar de suas incansáveis lutas e conquistas, através dos séculos, as mulheres enfrentaram a supressão de sua presença e voz em vários contextos. O silenciamento que muitas vezes as atingiu deixou uma marca profunda na

⁴ Francisco José Ribeiro, Reginaldo Ferreira da Costa, Olavo Rebelo de Carvalho Filho, Bernardo Silva.

⁵ Há vários colaboradores ao longo das edições mas aqui estão alguns que analisamos as contribuições: Angêla M^a B. Lira, Ana Alice de Souza Oliveira, Alina P. de Caldas Rodrigues, Ednólia Fontenele, Rosângela Santos, Dina, Ceíça de Lima Galeno, Maria da Betania, Erika, Laura, Sólina Genuína dos Santos, Tércia Siqueira, Maria de Jesus Fontenele, Fátima Régia R. de Araujo, Selene Villasanise Alberiza, Bartolomeu Martins, Jonas Carvalho, Luciano, Jet, Fernando F. Costa, Menezes y Morais, Reginaldo Costa, Wilton Porto, Jonas Carvalho e Danilo de M. Souza.

memória coletiva. A intelectual Michelle Perrot (2005) aborda essa questão, ressaltando que existem:

[...] muitas zonas mudas e, no que se refere ao passado, um oceano de silêncio, ligado à partilha desigual dos traços, da memória e, ainda mais, da História, este relato que, por muito tempo, "esqueceu" as mulheres, como se, por serem destinadas à obscuridade da reprodução, inenarrável, elas estivessem fora do tempo," 'ou ao menos fora do acontecimento. (Perrot, 2005, p. 09).

Tal fenômeno foi percebido logo quando se iniciou esta pesquisa, pois desde a primeira edição encontrada⁶, que datava o ano de 1977, poucas foram as vezes em que observou-se as mulheres sendo citadas, se compararmos aos homens, mas elas estavam lá e se pronunciavam. Para compreender a presença feminina no *Inovação*, a seguir trouxemos uma tabela contendo todas as participações femininas que identificamos neste periódico entre os anos de 1977 - 1984.

Tabela: participação das mulheres no Jornal *Inovação* entre 1977 - 1984.

Nome/ Profissão	Sessão: Título	Breves informações sobre o texto	Referências do Jornal <i>Inovação</i>
Ângela M ^a B. Lira	1. Ensino em Parnaíba: educação colegial. 2. No "Cantinho dos poetas": Vencerás.	1. Críticas sobre os professores, sugerindo abuso de poder. 2. Sobre servir e trabalhar constantemente.	1. n° 01, 1977, p. 10. 2. n° 04, 1978, p. 08.
Ana Alice de Souza Oliveira	1. Sinta a necessidade de amar. 2. Clube de jovens. 3. Grupo de jovens. 4. Novela: a alienação da família. 5. E você, o que pensa do amor? 6. Em "Religião": Você vai ao encontro marcado. 7. Em "Religião": Com Deus a nossa paz. 8. Em "comportamento": Refletindo.	1. III Festival de Música Pastoral. 2. Ordenação de Ladislau João da Silva. 3. Agradecimento pela realização do VIII Encontro da Amizade. 4. Crítica o abandono de tradições familiares que existiam antes da televisão. 5. Sugere que as pessoas deveriam aceitar a "ordem natural" em relação ao amor. 6. Sobre o ponto de vista cristão, a mulher deve estar pronta para ser mãe e esposa. 7. Significado de "paz" de uma perspectiva cristã. 8. Defesa o cristianismo e crítica às "pseudo-religiões".	1. n° 02, 1978, p. 07. 2. n° 04, 1978, p. 06 3. n° 08, 1978, p. 04. 4. n° 23, 1979, p. 16. 5. n° 24, 1979, p. 06. 6. n° 25, 1979, p. 13. 7. n° 26, 1980, p. 16. 8. n° 30, 1980, p. 13.
Alina P. de Caldas Rodrigues	No "Cantinho dos poetas": Vale dos abismos.	Versos sobre escuridão, e dentre outros sentimentos, o de estar sobrecarregado.	n° 04, 1978, p. 08.
Ednólia Fontenele	1. A quem interessar 2. Inspiração parnaibana: Criar e existir.	1. Pouco espaço para poesias e cultura. 2. Percepções sobre o criar e o existir. 3. Sugere que esteja falando sobre opressão e relacionamentos tóxicos.	1. n° 07, 1978, p. 10. 2. n° 08, 1978, p. 04.

⁶ O primeiro número foi lançado no mês de dezembro do ano de 1977. Presente como primeira edição a ser lançada ao público por constar no arquivo como "número 01, do ano de 1977".

	<p>3. No “Cantinho dos poetas”: Indagações.</p> <p>4. No “Cantinho dos poetas”: Parto d’uma poesia.</p> <p>5. No “Cantinho dos poetas”: Dor em dó.</p> <p>6. No “Cantinho dos poetas”: Divagação maoista.</p> <p>7. No “Cantinho dos poetas”: Poema Fidelista.</p> <p>8. Em “Inspiração”: O pró-capitalismo de um marxista.</p> <p>9. Em “Cantinho dos poetas”: Hosana.</p>	<p>4. Poesia sobre repressão e falta de liberdade poética.</p> <p>5. Trata sobre silenciamentos e opressão.</p> <p>6. Versos sobre descobertas, “Democracia popular” e igualdade social.</p> <p>7. Poema sobre liberdade brasileira.</p> <p>8. Traz uma crítica ao capitalismo.</p> <p>9. Composição que personifica “Hosana” como mulher de si mesma.</p>	<p>3. nº 22, 1979, p. 16.</p> <p>4. nº 23, 1979, p. 10.</p> <p>5. nº 25, 1979, p. 10.</p> <p>6. nº 29, 1980, p. 11.</p> <p>7. nº 30, 1980, p. 08.</p> <p>8. nº 34, 1981, p. 08.</p> <p>9. nº 38, 1981, p. 10.</p>
Rosângela Santos - Poetiza	Noite de Autógrafo.	Sobre o lançamento do livro “A voz do coração” por autoria de Rosângela Santos.	nº 07, 1978, p. 05.
Dina	O jovem: Fonte de produção e criação.	Incentiva a juventude local a lutar pela autenticidade a liberdade, advertindo os políticos a darem mais atenção ao povo.	nº 09, 1978, p. 07.
Ceição de Lima Galeno	Em “Comportamento”: Vicissitudes.	Concepção do que seria um relacionamento ideal, onde o homem é colocado como “parceiro mor”.	nº 23, 1979, p. 13.
Maria da Betania - Educadora	<p>1. Em “Educação”: Educação - crianças</p> <p>2. Em “Mulher”: Prefiro pensar a mulher</p>	<p>1. Sobre a educação de crianças e critica os padrões que “devem” ser seguidos.</p> <p>2. Pautas sobre a libertação feminina.</p>	<p>1. nº 23, 1979, p. 14.</p> <p>2. nº 25, 1979, p. 11.</p>
Érika	<p>1. Botando a vaca no seu Mário</p> <p>2. Em “A marretada é nossa”: Eternos Melhores</p>	<p>1. Denúncia e indignação com Mário Campos e sua falta de atenção com os problemas do povo.</p> <p>2. A autora critica a vaidade da burguesia.</p>	<p>1. nº 25, 1979, p. 20.</p> <p>2. nº 26, 1980, p. 20.</p>
Laura	<p>1. Em “Lances”: O santo poderoso do Alberto</p> <p>2. Em “Lances”: Sinceridade estúpida</p>	<p>1. Após o falecimento de Petrônio Portella, o governo dos Silva em Parnaíba, sugerindo que faltaram com respeito ao seu funeral, criticando a política oligárquica.</p> <p>2. Crítica o ex-prefeito de Teresina, Batista Silva por ser contra a prorrogação de mandatos.</p>	<p>1. nº 26, 1980, p. 18.</p> <p>2. nº 26, 1980, p. 18.</p>

Sólima Genuína dos Santos - Escritora	<ol style="list-style-type: none"> 1. Caranguejo é motivo de reunião nos morros. 2. Em “cidade”: Parnaíba ganha ginásio municipal. 3. Papa João Paulo II abrirá congresso eucarístico. 4. HISTÓRIA: Pioneiro de Parnaíba completa 188 anos. 5. Em “Cultura”: Parnaíba tem a sua literatura de cordel. 6. Em “Literatura”: Bumba-meu-boi. 7. Pindorama: indiferença e miséria absoluta. 8. Em “História”: Parnaíba aniversaria em seu monumento. 9. Em “Comportamento”: Ano internacional íntegra deficiente na sociedade. 10. “Cultura”: Fundação Cultural ganha vagão de trem. 11. Em “Turismo”: Parnaíba: cidade que proporciona boas opções turísticas. 12. Em “Arte”: Parnaíba festeja sua catedral reformada. 13. Em “Comportamento”: janeiro congrega datas de caráter espiritual. 14. Prédio da Alfândega: Um Problema Social 15. Em “Cultura”: Humberto de Campos - Memória a cultivar. 16. Em “Ponto de vista”: O homem e a comunicação. 17. A Parnaíba dos oitís. 18. Inovação em <i>off-set</i>. 19. Turismo - incentivo ao desenvolvimento. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Problemas sobre a pesca de caranguejos. 2. Reabertura da escola Roland Jacob. 3. Sobre a organização do “Xº Congresso eucarístico Nacional”. 4. Informações sobre Domingos Dias da Silva. 5. Espaço que trata sobre o cordel, cordelistas parnaibanos e apontar a carência de apoio a essa forma cultural. 6. Remete aspectos da festa junina. 7. Uma colaboração entre Sólima, Flamarion e Reginaldo, sobre problemas no bairro Pindorama. 8. Espaço que trata dos 46 anos do Monumento da Independência, exalando sentimento de patriotismo. 9. Conscientização sobre a inclusão. 10. Sobre o aumento patrimonial da Fundação Assis Brasil. 11. Crítica à infraestrutura de Parnaíba. 12. trata da inauguração da reforma da Igreja Catedral. 13. Sobre espiritualidade e fraternidade. 14. Denúncia sobre a falta de atenção pública com pessoas que viviam no “Prédio da Alfândega”. 15. Sobre a vida de Humberto de Campos. 16. Sobre os meios de comunicação e o capitalismo. 17. Fala da presença de oitizeiros e a fruta alimentar barrigas famintas em Parnaíba. 18. Comentário sobre o Jornal Inovação sendo lançado em sistema off-set. 19. Crítica aos governantes da cidade por falta de investimentos. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. nº 26, 1980, p. 1. 2. nº 28, 1980, p. 15. 3. nº 29, 1980, p. 10. 4. nº 34, 1981, p. 13. 5. nº 35, 1981, p. 06. 6. nº 36, 1981, p. 04. 7. nº 36, 1981, p. 07-08. 8. nº 36, 1981, p. 15. 9. nº 37, 1981, p. 104 10. nº 39, 1982, p. 06. 11. nº 40, 1982, p. 10. 12. nº 41, 1982, p. 06. 13. nº 41, 1982, p. 06. 14. nº 43, 1983, p. 04. 15. nº 44, 1983, p. 09. 16. nº 45, 1983, p. 04. 17. nº 46, 1983, p. 06. 18. nº 47, 1984, p. 07. 19. nº 48, 1984, p. 06.
Tércia Siqueira	Em “Cantinho dos poetas”: Seu coração inédito.	Versos sobre afeto.	nº 29, 1980, p. 11.
Maria de Jesus Fontenele – Professora, Representante da APEP, em Parnaíba	Em “Ponto de Vista”: A paralisação dos professores.	O texto traz os motivos da paralisação dos professores no Piauí.	nº 40, 1982, p. 08.
Marta Suplicy	Mulher e prazer, tema proibido e reprimido. Há séculos.	Sobre empoderamento sexual feminino.	nº 42, 1983, p. 02-04.
Fátima Régia R. de Araujo	Editorial - Diretas	Incentivos de manifestação em prol das “Diretas-Já”.	nº 49, 1984, p. 03.
Selene Villassanise Alberiza - Psicóloga	Julgamento	Crítica à uma entrevista feita por Reginaldo Costa, com uma prostituta.	nº 50, 1984, p. 06.

Fonte: diferentes números do jornal *Inovação*

A partir dos dados apontados na tabela, identificamos que durante o nosso recorte de tempo houveram 16 mulheres⁷ que colaboraram em 32 edições do jornal *Inovação*. O que era sim uma minoria se compararmos aos homens, mas apesar disso, observamos que qualitativamente foi uma presença feminina efetiva se pensarmos o conteúdo que essas mulheres tratavam, como política, poesia e religiosidade. Alguns perfis emergem com um envolvimento bastante expressivo acerca das pautas feministas, os quais falaremos adiante como Maria da Betania, que não sabemos de onde era, Selene Alberiza, paulistana e Marta Suplicy, que fazia ecoar sua voz a partir de jornais e canais de televisão e era paulista. Outras aparecem continuamente, como Sólina Genuína e Ednólia Fontenele, parnaibanas, em suas pertinentes falas sobre temas gerais relacionados à época. Muitas críticas aparecem implícitas, às vezes dissimuladas, por meio de poesias ou em textos de coluna, onde detectamos que expressam opiniões acerca de questões como o sistema capitalista e a opressão. Acerca destas últimas, embora suas colaborações sejam interessantes, não iremos nos ater às elas, pois demandaria mais tempo para a pesquisa, sendo uma intrigante proposta para um futuro trabalho.

Algumas menções feitas pelos homens e também por mulheres, reforçavam um caráter pejorativo, utilizando conotações sexistas ou subestimando capacidades que habilitassem, como por exemplo, para uma atividade política, dentro do que se entendia como tal. Nisso, refletimos como as ideias apresentadas no *Inovação* por vezes acentuaram uma imagem de mulher rotulada. Roger Chartier (2002) em sua obra intitulada “A beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietudes”, mostra como o “representar” é também uma maneira de manter o lugar de alguém. Para o historiador, a representação não é apenas uma questão de refletir a realidade, mas também de construí-la e interpretá-la de acordo com os códigos e convenções culturais dominantes em um determinado período.

Representar é, pois, fazer conhecer as coisas mediante ‘pela pintura de um objeto’, ‘pelas palavras e gestos’, ‘por algumas figuras, por marcas’ – como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias. Representar no sentido jurídico e político é também ‘manter o lugar de alguém, ter em mãos sua autoridade’ (Chartier, 2002, p. 165).

No contexto de 1960 a 1980, o quadro político brasileiro se encontrava muito agitado, com os militares governando, foi uma época em que a liberdade de expressão se encontrava bastante limitada. De acordo com Araujo (2000), especificamente a partir de 1970 se alteravam as percepções de “esquerda” e do que significava a participação na política,

⁷ Suspeita-se que outras mulheres escrevem, entretanto, como poderiam estar ou não utilizando pseudônimos, não conseguimos identificar se eram homens ou outras mulheres. Por isso optamos por não adicionar tais menções.

sobretudo para jovens intelectuais e militantes. Com isso, havia uma grande tentativa de reinventar a política no Brasil e no mundo, pois havia uma crença de que com as mudanças⁸ e rupturas ocorridas na época, um novo tipo de sociedade estava surgindo, a qual disputava todos os espaços, das mídias até a rua. Nesse momento, surgiram vários jornais alternativos que buscavam denunciar a repressão, mazelas e inquietações gerais de uma parte da sociedade brasileira, bem como, o jornal *Inovação* (Mendes, 2012).

Para Araujo (2000) essa atitude de contestação aflorou a existência de várias organizações, e dentre elas, o movimento feminista se destacava por sua organização e impactos sociais:

[...] No mesmo período o Brasil viu nascer um grande número de organizações dissidentes (inicialmente como produto de sucessivas cisões do Partido Comunista Brasileiro) e grupos independentes. E no decorrer dos anos 1970, movimentos de novo tipo - aqueles específicos e de minorias políticas, os “movimentos da diferença” - estiveram presentes na cena política do Brasil e do mundo inteiro. Entre eles, talvez o movimento de mulheres tenha sido o mais organizado e o que conseguiu alcançar o maior grau de interferência na vida social. (Araujo, 2000, p. 17).

Nesse sentido, pensando na gama de protestos, denúncias e assuntos veiculados nos periódicos, que envolvessem as mulheres, observamos que, embora estivessem lutando por direitos, muitas vezes elas foram invisibilizadas ou aparecem estereotipadas em algumas edições. Observa-se um exemplo disso a seguir, uma charge criada por Bartolomeu Martins⁹, intitulada “Homenagem [do *Inovação*] às mães piauienses” .

Figura 01: Homenagem à mãe piauiense.



Fonte: *Inovação*, Ano I, nº7, mai. 1978, p. 01.

⁸ Alguns acontecimentos como a revolução de costumes e padrões de comportamento, o movimento feminista, a invasão de Praga, a rebelião de maio de 1968 na França e a Revolução Cultural Chinesa ocorreram, e de acordo com Araujo (2002) essas e outras mudanças deram um novo sentido para a ideia de revolução.

⁹ Bartolomeu Martins foi um dos colaboradores do jornal *Inovação*.

A ilustração acima foi capa do jornal *Inovação* do mês de maio de 1978. Analisando-a, notou-se que o enquadramento centraliza a barriga e os seios fartos indicando mais uma gravidez, além disso, a mãe que pode ser descrita como descabelada, descalça, e solitária, está com vários outros filhos em volta.

Observa-se que a crítica do periódico (Figura 01), se volta mais à questão social, com um caráter de denúncia sobre a pobreza, visto que as crianças estão sem vestimenta e aparentam necessitar de cuidados higiênicos. Esse aspecto, em hipótese, se remete à mãe tendo que cuidar dos vários filhos, sozinha, ou sem condições financeiras.

Mesmo com a forte crítica voltada para a temática da pobreza, “conseguimos, pelo olhar atento do próprio ofício do historiador, perceber as relações de gênero, mesmo que essas possam não parecer tão explícitas” (Freitas, 2020, p. 42). Portanto, observou-se como a representação mostrada na imagem - figura 01 - lembra a separação de papéis sociais que ao longo da história foram sendo realimentados: a mulher responsável pelos cuidados do ambiente doméstico e os filhos (com dupla jornada de trabalho, muitas vezes) e o homem, quando se fazia presente no seio familiar, em atividades externas.

Em relação a esse maternar, Pinsky (2013) menciona que na década de 1970 havia o desejo, por parte da elite, de desenvolver um país mais “civilizado”, e com isso surgiam mais ideais de como deveria ser uma boa mãe:

[...] higiênica e educadora, que, além de ter os filhos “sempre bem arranjados e limpos”, acompanha de perto o crescimento dos pequenos e os ensina a rezar e a comportar-se adequadamente, livrando-os de perniciosas influências externas que comprometem o “fortalecimento da raça”. Esse modelo, dito universal, só podia ser atingido por mães com condição material para tanto, discriminando aquelas que, levadas a trabalhar para garantir seu sustento, não podiam dedicar-se às crianças no lar com o desvelo prescrito. (Pinsky, 2013, p. 586)

De acordo com Oliveira (2017) observa-se que apesar da cidade de Parnaíba ter sido na década de 1970 considerada como “3º Polo Turístico” nacional, e estivesse tornando a se desenvolver, a situação de carência material em alguns bairros, especialmente nas comunidades além da ponte Simplício Dias, levava muitos pais a colocarem seus filhos para trabalhar ainda na infância. Muito cedo, essas crianças começavam a trabalhar nas roças, aprendendo as tarefas da vida adulta através da prática diária. Meninos e meninas tinham funções definidas assimilando as distinções entre os papéis sociais ao observarem seus familiares. Os meninos eram incentivados a acompanhar os pais no trabalho, enquanto as meninas ajudavam em casa com tarefas domésticas e cuidando dos irmãos menores, para

permitir que suas mães pudessem trabalhar na roça ou realizar outros serviços, como lavar roupa no rio. (Oliveira, 2017).

No sentido que a imagem - figura 01 - atribui uma representação de maternidade e pobreza à mulher piauiense, Chartier (1998) em seu livro “A História Cultural: entre práticas e representações” nos ajuda refletir sobre o lugar de quem representa por parte de um homem letrado, pois:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (Chartier, 1998, p.17).

Ou seja, as interpretações individuais e coletivas dos textos e artefatos culturais são influenciadas por uma série de fatores, incluindo a posição social, a educação e as experiências pessoais dos leitores ou espectadores. (Chartier, 1998). Fazendo-se necessário, principalmente aos historiadores, perceber que cada momento tem suas particularidades e precisam ser percebidas ao serem representadas¹⁰.

Através de uma visão sociológica refletimos sobre a distribuição de papéis sociais, pois seguindo concepções patriarcais passadas de geração em geração, de que o sexo feminino era mais frágil, foi se estabelecendo uma divisão sexual de funções em que meninas foram sendo educadas para atuarem quase que exclusivamente dentro de casa, ainda que tivessem outras demandas externas. Diante disso, a socióloga brasileira feminista Heleieth Saffioti (1987) problematiza que:

A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem. A socialização dos filhos, por exemplo, constitui tarefa tradicionalmente atribuída as mulheres. Mesmo quando a mulher desempenha uma função remunerada fora do lar, continua a ser responsabilizada pela tarefa de preparar as gerações mais jovens para a vida adulta (Saffioti, 1987, p. 08).

Pierre Bourdieu (2004) argumenta que as representações são formas simbólicas e cognitivas por meio das quais os agentes sociais percebem e interpretam o mundo ao seu redor, desempenhando um papel essencial na reprodução e legitimação das estruturas sociais. Estas representações, que variam conforme as posições e campos sociais de quem as exprimem, moldam percepções, comportamentos e identidades das sociedades, isso de acordo com as singularidades dos indivíduos. Além disso, ele salienta que as representações não são

¹⁰ Com isso, chamamos atenção para a questão de que a representação de mulheres presente na imagem (figura 01) não corresponde a todas as mulheres piauienses/nordestinas da época, pois deve-se considerar suas singularidades. Contudo, essa é a forma que o *Inovação*, de acordo com o que ele buscava problematizar, escolhe abordar.

fixas, mas sujeitas a mudanças através de processos de contestação e negociação. Em resumo, para Bourdieu, as representações são tanto produtos quanto produtores das estruturas sociais, desempenhando um papel crucial na construção e transformação da realidade social.

Os jornais se constituem em espaços de manifestação dessas representações e são vistos como importantes documentos históricos que marcam uma determinada época e ajudam aqueles que buscam analisar o passado através de interpretações diversas e/ou compreender como eram os parâmetros que construíam determinada sociedade. Conforme apontam Cruz e Peixoto (2007) convém lembrar que a imprensa é um suporte de prática social e não somente tem convicções, mas em suas extensões mobilizam opiniões e são espaços privilegiados da articulação de projetos.

O contexto histórico da fundação do *Inovação* é fundamental para compreender sua importância na cena política e social de Parnaíba. Quando emergiu, na década de 1970, o cenário da cidade demandava uma voz crítica e comprometida com as transformações necessárias. Foi nesse contexto que o *Inovação* se estabeleceu como um meio de comunicação comprometido com a denúncia e a reflexão sobre os desafios que permeavam a sociedade parnaibana.

O Jornal *Inovação* se apresentou, para a sociedade parnaibana, como instrumento de luta política e um dos objetivos principais era melhorar os aspectos sociais, políticos e culturais da cidade e, para isso, era necessário apontar seus problemas. O *Inovação* foi um produto, nas palavras de Elmar Carvalho, que tinha também como pretensão ser formador de opinião. (Mendes, 2015, p. 246).

Ao analisar o jornal *Inovação* nota-se a influência política que o mesmo apresentou para cidade, com a proposta de trazer melhorias em outros aspectos, relacionadas ao social e cultural, atuava como um importante veículo de formação de opiniões. É interessante refletirmos a influência que teve o jornal, pois aquilo que ele produzia era consumido por uma considerável parcela de pessoas. É importante, diante disso, pensar que um jornal é considerado uma construção histórica, que integra interpretações que são marcadas temporalmente e espacialmente. (Cruz; Peixoto, 2007).

O *Inovação*, constantemente fazia o uso de ironia e sarcasmo para serem mais abrangentes em sua comunicação. No trecho abaixo, a intenção dos autores a priori é fazer uma crítica em relação a manutenção do saneamento básico de Parnaíba, apontando as problemáticas da região enquanto cidade turística. Entretanto, observa-se que mesmo defendendo uma pauta, a menção ao gênero feminino se faz de maneira pejorativa, onde a mulher é objetificada e colocada ali como um atrativo sexual.

Agradeça a Deus vir à Parnaíba durante o mês de julho. Jamais tenha a pretensão de vir aqui, nos visitar, durante o inverno. Durante esse período deixe-nos à sós tratando e enfrentando nosso lamaçal. Durante todo este mês de veraneio muita praia e muita mulher [...]. (Jornal *Inovação*, nº 9, 1978, p. 5).

Neste trecho específico, é fortificada a objetificação do corpo feminino, visto que a mulher é trazida considerando somente sua parte física. Tal aceção faz parte de um imaginário que se embasa numa construção machista, ainda que nas entrelinhas. Em uma outra edição, vemos uma crônica intitulada “Maria de Tal”, escrita por Jonas Carvalho¹¹, onde a figura feminina é trazida para refletir a sua situação de vulnerabilidade social.

“Maria de Tal” perambulando pelas ruas de nossa cidade (nem sei mesmo se você se chama Maria, apenas presumo) as vezes vestidas, as vezes seminua. Pela primeira vez que te vi, estavas dormindo em pleno chão. Tua face estampava em vários lugares as letras do carimbo “PAGO”. Quem teve esta ousadia não sei. Mas sei que esta pessoa que lhe carimbou não tem a consciência de ser humano, muito menos sabe que é, como todos nós, responsável direto de sua condição social. Não vivo em Parnaíba, portanto não sei se algum órgão assistencial já lhe acolheu, mas se isto não aconteceu, a hora se faz; se já acolheu, não imagino porque deixaram-lhe na rua [...] (Inovação, nº 41, 1983, p. 02).

Ao descrever a situação de "Maria de Tal", o autor destaca as injustiças enfrentadas por mulheres marginalizadas, cujas vidas muitas vezes eram marcadas pela falta de recursos, exploração e prostituição. Essa situação exemplifica como as mulheres, especialmente aquelas em situações de vulnerabilidade socioeconômica, eram frequentemente estigmatizadas pela sociedade. Elas enfrentavam barreiras significativas para exercer sua autonomia. Vê-se a característica de pobreza refletida através destas. Portanto, essa citação serve como um lembrete do contexto social mais amplo em que algumas mulheres viviam durante o período, algo que foi observado e criticado pelo *Inovação*.

O feminismo dito e não dito, entre apoios, críticas e ironias

Apesar de poucas alusões às mulheres na perspectiva de lutas feministas, algumas delas usaram a voz em favor dessas lutas - ainda que de forma não autodeclarada. Na edição do *Inovação* de 1979, uma educadora chamada Maria da Betania¹², refletindo sobre o desenvolvimento social, evidenciou que mesmo as ações benevolentes dos adultos podem perpetuar estereótipos de gênero:

¹¹ Um dos colaboradores do jornal *Inovação*.

¹² Não encontramos mais informações sobre Maria da Betania, apenas que ela foi uma das colaboradoras do jornal *Inovação* em algumas edições.

O que vemos nas atitudes mais bem intencionadas dos adultos em relação a criança, por exemplo, o gesto de e dar um brinquedo é o mais displicente aniquilamento da curiosidade infantil inconsequente desvirtuamento da sua maneira livre de descobrir o mundo. A boneca fala, faz pipi, joga, beija, etc... chega às mãos das crianças já como modelo adulto, não resta nada a criar; as possibilidades sensoriais são mínimas. Precisamos entender de uma vez por todas que a menina não é a mãe miniatura [...] (Inovação, nº 23, 1979, p 14).

A reflexão de Betania destaca a importância de reconhecer e desafiar as normas sociais que são transmitidas inconscientemente às crianças através de brinquedos - que replicam papéis de gênero - sugerindo que, ao invés dos mesmos, deve-se incentivar brinquedos/atividades que promovam as possibilidades sensoriais, a curiosidade, a exploração e a aprendizagem autônoma, o que pode ajudar a quebrar os ciclos de perpetuação de estereótipos e permitir que as crianças, independentemente do gênero, desenvolvam seus próprios interesses e habilidades.

Para Godoy e Vieira (2017)¹³, os brinquedos são elementos de grande relevância para a prática educativa, permitindo à criança expressar-se, explorar o mundo ao seu redor e construir sua identidade. Ao dar às crianças brinquedos que vêm com um conjunto de comportamentos pré-definidos, estamos, inadvertidamente, ensinando-lhes sobre os papéis que se espera que desempenhem na sociedade. Beatriz Freitas (2020) também aponta que enquanto as meninas comumente são inseridas no universo social estimuladas a desempenhar o papel de “mãe” com uma boneca, os meninos brincando de bola são incentivados a: “uma brincadeira que requer força muscular e grande esforço corporal, o que lhes proporciona tino, sagacidade e visões estratégicas, características necessárias na realização de trabalhos de mando.” (Freitas, 2020).

Dentro da discussão sobre gênero, Joan Scott (1989) aparece como uma relevante historiadora e teórica feminista cujo trabalho tem sido fundamental para a compreensão das questões de identidade. Isso porque ela traz uma discussão que compreende o gênero não a partir de uma característica fixa ou natural, mas como uma construção social e cultural que legitima as hierarquias de poder. Ela afirma que as categorias, assim como as de masculino e feminino, são criadas e mantidas através de práticas sociais e discursivas. Dessa forma, o gênero e os papéis sociais são essenciais para perceber como as sociedades funcionam e como as desigualdades são (re)produzidas. Segundo ela:

¹³ Karine Natalie Barra Godoy e Mariana de Paula Vieira publicaram seu texto sobre “A construção das identidades de gênero na infância” no “Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress” em Florianópolis. O artigo traz reflexões acerca de como discursos e brinquedos influenciam fortemente na construção de identidade de gênero de crianças.

O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e mais, o gênero é uma forma primeira de dar significado às relações de poder (Scott, 1989, p. 21).

A pesquisadora desmistifica a ideia de que o gênero é uma característica inata ou biologicamente determinada, contrariamente, argumenta como o gênero é uma construção moldada por normas e valores em uma determinada sociedade e também algo que cria essas normas. Isso significa que as noções de masculinidade e feminilidade são fluidas e historicamente contingentes. Debate que vai contra a estrutura dominante, que coloca a mulher no espaço de inferioridade (Scott, 1989).

Em um dos exemplares do jornal *Inovação*, de dezembro de 1979 localizamos uma passagem intitulada “Prefiro pensar a mulher”, que trataremos adiante, também com autoria de Betania, e em sua análise, ela ressalta que a perpetuação de estereótipos de gênero prejudica os esforços para a construção de uma nova ordem social, destacando a importância de questionar essas visões limitadas sobre as mulheres para alcançar uma verdadeira mudança. Afinal, para que sejam reduzidas as discriminações de gênero requer que as mulheres sejam vistas como sujeitos autônomos de seus pensamentos e ações.

Ao analisar as páginas do *Inovação* podemos ver poucas participações femininas, se compararmos com os homens. Algo que advém do cenário de exclusão das mulheres dos espaços considerados masculinos. Contudo, mesmo que não seja de forma majoritária, elas conseguem furar a bolha, trazendo várias temáticas e contribuindo ao debate sobre direitos sociais. Ao redor do Brasil, outras mulheres também começavam a encabeçar periódicos em meados de 1970, como o jornal *Brasil Mulher*, impresso no Paraná, onde debatiam em favor da anistia e contra a ditadura. E o *Nós Mulheres*, originado em São Paulo, no qual privilegiavam assuntos voltados à mulher. E assim, ainda que funcionassem de forma irregular, vários outros foram surgindo. (Pedro, 2013).

Vale ressaltar que as mesmas normas sociais privilegiam determinados grupos frente à mídia também são construções históricas, determinadas por quem dominava a narrativa e os espaços públicos. No entanto, não deixa de ser algo a ser enfrentado entre mulheres e homens até os dias atuais. Este é o processo de dominação em que um grupo específico detém poder, influencia e controla de modo significativo as respostas e perguntas que norteiam a construção de uma sociedade. Em muitos casos, a parte dominante da sociedade pode perpetuar desigualdades, e injustiças contra grupos até em maior número. Isso pode acontecer através de

políticas e outras práticas sociais sem representação dos oprimidos ou simplesmente através do poder econômico concentrado nas mãos do grupo dominante.

É possível observar esse tipo de dominação também associado ao período ditatorial vivido na época quando analisamos um discurso proferido por Miguel Arraes¹⁴. O trecho a seguir, foi transcrito do *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, nas páginas do jornal *Inovação*:

O crescimento econômico sem a participação política popular é perverso, concentrador, marginalizador, produz mais pobreza e humilha. O povo sabe que esse crescimento é retirado de seu esforço, dos milhões de operários e de boias-frias, dos camponeses sem terra constantemente expulsos da terra que beneficiaram, das mulheres dentro e fora das fábricas [...] (*Inovação*, nº 23, 1979, p. 24).

Ele traz à tona a complexidade das dinâmicas de poder na sociedade e o *Inovação* destaca a problemática do crescimento econômico desprovido de uma participação política popular, caracterizando-o como um processo que marginaliza e perpetua a pobreza. Neste contexto, a menção às mulheres, tanto no ambiente de trabalho quanto fora dele, ressalta a consciência de que elas são parte integrante e afetada por tais dinâmicas.

Ao refletir sobre a participação feminina, é importante reconhecer que, apesar de historicamente terem sido inferiorizadas, as mulheres começam a emergir no espaço público e jornalístico. No entanto, a necessidade de validação imposta dentro de um contexto dominado por discursos masculinos sempre foi uma realidade. Isso é visível na maneira como o sucesso do grupo feminino ‘As Frenéticas’¹⁵ é apresentado na mídia. A matéria do jornal *Inovação*, ao mesmo tempo que celebra o sucesso das ‘Frenéticas’, não deixa de comparar seus cachês com os valores associados ao futebol masculino:

Uma nova mudança na música brasileira? O som brasileiro para consumo em discotecas? O infortúnio para a programada e divulgadíssima ressurreição: do "chorinho"? Dentre estas, outras interrogações vêm à tona na sociedade brasileira principalmente no meio: artístico nacional quando o assunto é FRENÉTICAS. [...] As meninas aí estão: contrato com a Rede Globo e agenda cheia até janeiro do próximo ano com shows "frenéticos" ao custo de 200 mil cada exibição cota superior a muitos amistosos no interior do país realizados (e cobrados) pelo Clube de Regatas

¹⁴ Arraes, que foi governador de Pernambuco no momento do golpe civil-militar de 1964, enfrentou a prisão e, posteriormente, o exílio na Argélia, conhecida como ‘Meca da Revolução’. Durante seu exílio, ele não apenas manteve um papel ativo na resistência contra a ditadura brasileira, mas também ajudou a articular frentes de oposição e estratégias de denúncia internacional das violações de direitos humanos ocorridas no Brasil. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/d7mkgTzRpmkdYfgh4TrdBxq/>.

¹⁵ “As Frenéticas” foi um grupo vocal brasileiro formado nos anos de 1970, conhecido por suas músicas animadas e performances vibrantes. O grupo era composto por Sandra Pêra, Dhu Moraes, Leiloca Neves, Lidoca Neves e Edir De Castro. Elas alcançaram grande sucesso com canções como "Dancing Days", "Perigosa", "Vítimas do Prazer" e "Dancin' Days" (versão brasileira da música de mesmo nome do grupo britânico "As Tears Go By"). Se tornaram ícones da cena musical brasileira da época. Seu estilo único misturava elementos de disco, pop e música brasileira, conquistando fãs em todo o país. Fonte: <https://palavranario.com/as-freneticas/>.

Flamengo ou Vasco da Gama. À certeza que temos. Talvez a única dentre todas as outras mais duvidosas, é que são pessoas humanas, femininas, excepcionais e inteligentes as figuras do grupo AS FRENÉTICAS. (Inovação, n.º 9, 1978, p. 9).

Essa comparação, embora possa ser interpretada como um reconhecimento do valor do grupo feminino para o ramo da música, que trazia letras em favor da liberdade das mulheres, também reflete a persistência de uma estrutura de poder que mede o sucesso feminino por meio de parâmetros masculinos, onde há uma necessidade de comparar os valores de seus shows com a cota de alguns jogos de futebol, a exemplo do Vasco e Flamengo. Essa necessidade de ser “excepcional” para ter reconhecimento não é frequentemente imposta aos homens no mesmo contexto, destacando uma disparidade na forma como o sucesso é percebido e valorizado entre os gêneros. Ou seja, mesmo o jornal descrevendo o grupo como os adjetivos “excepcionais” e “inteligentes”, a validação feminina é colocada em questão, mesmo que de forma subjacente.

No trecho abaixo retirado de um texto intitulado “Prefiro pensar a mulher”, escrito por Betania - citada anteriormente, podemos identificar o desejo de construção de uma nova sociedade. Como ela mesma observa, no final da década de 1970, as reivindicações femininas eram vistas em diferentes discussões da política brasileira. Leia-se:

Não precisa ser vidente para perceber que a tão ansiada construção de uma nova sociedade não poderá entrar pelos caminhos da concretização se insistir em conviver com certos estereótipos especiais como o caso da visão existente sobre a mulher. Hoje o tema da libertação feminina tem ganhado os melhores lugares nas mesas de bar, do mesmo jeito que tem sido motivo de discursos parlamentares. No entanto, a distorção do assunto, as confusões de ideias tomam conta do momento. Algumas pessoas se predem a definições retrógradas, pensam que a mulher liberta como aquela que fuma e bebe e veste-se como quer. Outros identificam-na por transar com quem quer: ainda os que por ter diplomas de universidades ou trabalhar fora e, finalmente existe um pensamento que atribui a independência econômica a condição única para que a mulher se liberte das opressões sofridas...
É comum ouvirmos: “fulaninha dos anzóis é dona de seu nariz é uma mulher independente, formada em universidade, trabalha fora...” [...] (Inovação, n.º 25, 1979, p. 11).

Ao abordar a necessidade de um novo corpo social com menos estereótipos de gênero, Betania, destaca as dificuldades enfrentadas pelas mulheres em busca de sua emancipação, ela ressalta como o tema da libertação feminina se tornou uma questão de destaque, tanto em conversas informais quanto em discursos parlamentares, refletindo o crescente interesse e reconhecimento da importância da participação feminina na sociedade. No entanto, há

também as distorções e confusões de ideias que permeiam o debate, destacando como algumas pessoas se prendem a definições do que significa ser uma mulher liberta.

O texto completo de Betania serve como um testemunho da resistência e determinação das mulheres em enfrentar o silenciamento e buscar uma verdadeira emancipação em meio a um contexto de repressão política, social e histórica, pois, a conclusão de sua produção textual é exemplar nesse sentido: “[..] tudo pode mudar. Porém não é destino nem nada, é história mesmo e história quem faz é o homem no sentido de espécie. Por isso, nós mulheres, temos de fazer nossa história” (Inovação, nº 25, 1979, p. 12).

Em uma das postagens de 1980, é notado outro ponto de vista do *Inovação*. É trazido um boletim de propaganda eleitoral do candidato, que se utiliza da alcunha de Mão Santa¹⁶ que fora publicado em um artigo intitulado “Postos reabrem com o topless”, e o candidato comentava o seguinte: “não será de admirar a organização de grupo de rapazes, também de Teresina, só para ver o busto das coleguinhas universitárias”¹⁷. Mais de uma vez “as universitárias” são tratadas entre o ridículo e o incômodo, ou por um suposto comportamento “inadequado” aos olhos dos seus ridicularizadores, nos remetendo ao que Rachel Soieht diz ao analisar entrevistas feitas com mulheres no *Pasquim*, quando diz que:

Evidencia-se que algo aparentemente inofensivo como a zombaria, o deboche, configura-se como forma de violência, inoculando representações com vistas à conservação do *status quo*, através da ridicularização de movimentos em prol de mudanças com relação aos papéis exercidos por mulheres e homens na sociedade. (Soieht, 2005, p. 609).

No caso da crítica do candidato “Mão Santa”, uma resposta negativa a objetificação feminina, veio de um dos redatores¹⁸ talvez por conta de um posicionamento político contrário ao candidato que no período pertenceu à ARENA e ao PDS, e o jornal, como já observado, estava alinhado com o MDB, mais tarde, PMBD:

Avisamos ao Sr. Deputado e sua equipe, que a mulher universitária não está preocupada com futilidades e modismo e sim em estudar e procurar soluções para os problemas da maioria do Povo Piauiense que vive em miséria absoluta. Os tempos estão mudando. Não dá prá notar? (Inovação, n.º 27, 1980. p. 06).

Observou-se que haviam controvérsias existentes ao longo das edições analisadas do *Inovação*, pois, enquanto por um lado eram abertos espaços para o debate com a participação das mulheres e as mesmas são defendidas de generalizações, por outra via, tinha-se a cultura

¹⁶ O nome de batismo do candidato é Francisco de Assis de Moraes Souza.

¹⁷ *Inovação*, nº 27, 1980. p. 06.

¹⁸ Identificado apenas como “JET”

de distribuição de papéis, onde os estereótipos continuaram percebidos tanto nas partes textuais quanto nas ilustrações, a exemplo da que se segue:

Figura 02: Epidemias.



Fonte: *Inovação*, Ano III, n° 29, maio-junho. 1980, p. 01

A imagem (figura 02) acima foi retirada da capa suplemento da edição maio e junho, do ano de 1980, produzida pelo artista Fernando F. Costa¹⁹, com o título “Epidemias”. Na seguinte página da imagem, há o seguinte texto:

Recentemente houve uma reunião com as lideranças de nossa cidade no sentido de promover uma vacinação em massa contra a paralisia infantil que deverá iniciar no próximo dia 14 de junho. Observamos que o representante do Órgão Regional da Medicina, recentemente criado pelo Governo do Estado, não compareceu ao encontro. Poderia ele faltar a tão importante reunião? Evidentemente que não. (*Inovação*, n.º 29, 1980, p.03).

Novamente na imagem “Epidemias”, temos uma representação da feminilidade voltada para a maternidade e a vulnerabilidade social, assim como aquela que trouxemos anteriormente (figura 01). No centro, uma mulher descalça com cabelos ralos, carregando um filho, enquanto outros dois estão sem roupa próximos a ela. Esta composição visual evoca uma sensação de urgência, destacando os efeitos das epidemias em grupos desfavorecidos, identificando as epidemias somente com esse grupo social, o que não se configura na prática. A imagem, no entanto, não deixa de ser um convite para os espectadores refletirem sobre as desigualdades sistêmicas que perpetuam tais condições sociais e a buscar soluções.

¹⁹ Colaborador do jornal *Inovação* em algumas edições.

Em outra publicação desse mesmo ano (1980), o *Inovação*, no mês de abril, na edição número 28, Menezes y Moraes²⁰ organizou uma matéria sobre o aborto livre e gratuito, trazendo para as páginas do jornal um assunto que já integrava as pautas feministas no mundo. O texto é editado em duas páginas, segue um trecho:

No Rio de Janeiro, onde a moda pega e desaparece com a mesma rapidez e facilidade há mais de um mês que não se fala em *topless*. Exibir os peitinhos durinhos ou flácidos, feios ou bonitos, para uma legião de carentes sexuais, não interessa mais às mulheres. A moda, agora, é lutar pelo aborto.

As feministas afirmam que defendem “o direito das mulheres decidirem ter ou não ter filhos.” E denunciam “o controle de nossos corpos, ampla divulgação dos métodos contraceptivos, salários justos, escolas públicas para todas as crianças e atendimento de saúde gratuito, creches nos locais de trabalho e moradia, restaurantes populares, lavanderias públicas, divisão do trabalho doméstico” e “a legalização do aborto”. (*Inovação*, nº 28, 1980, p. 21).

A edição traz um tema, que ainda hoje gera muitas polêmicas, e não apenas no ano da publicação da matéria. O primeiro detalhe que observamos é a produção do texto por uma figura masculina, novamente, um homem falando pela mulher. Segundo, percebe-se uma ironia explícita no início da matéria, ao associar a pauta sobre o aborto como uma “moda” que as mulheres podem usar e depois descartar, assim como fizeram com o *topless*. Identifica-se ainda uma falta de credibilidade com a pauta levantada pelas mulheres, ou seja, aquela sustentada pela liberdade do seu corpo.

Continuamos com a leitura de outro trecho dessa mesma matéria sobre o aborto produzida por Menezes y Moraes:

É claro que o documento divulgado pelas femininas que querem a legalização do aborto contém algumas verdades e reivindicações justas. No entanto, existe uma contradição bem aguda no caminhar dessa luta. Por exemplo, elas falam que querem a legalização do aborto em nome “da mulher oprimida”. Tudo bem. Mas quem oprime a mulher? Não será por acaso a mesma sociedade, o mesmo conjunto de leis, o mesmo sistema, enfim, que nos oprime a todos?

Outra pergunta; o que se entende por “mulher oprimida?” Mulher oprimida será, por acaso, as filhas da classe média alta, com ascendência à classe burguesa, ou serão apenas as mulheres das classes baixas, camponesa, operária e empregada doméstica? A resposta é clara demais. E mulher oprimida mesma, nessa luta pela legalização do aborto, não existe uma sequer. Não tem nenhuma camponesa, nem uma operária, nenhuma doméstica pedindo a legalização do aborto. (*Inovação*, nº 28, 1980, p. 22).

Com continuação do texto, a matéria prossegue incitando questionar quem são os responsáveis pela opressão às mulheres, sugerindo que todos sofrem dos mesmos problemas. Outra questão levantada é o que se entende por “mulher oprimida”, levando-nos a entender

²⁰ Menezes y Moraes é o pseudônimo de José Menezes de Moraes, um destacado jornalista, professor e poeta piauiense, conhecido por sua atuação principalmente no Jornal *Inovação*. Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/distrito_federal/menezes_morais.html.

que as feministas que defendem o aborto são aquelas que compõe a classe burguesa, e sugerindo que não existe nem uma mulher de “verdade” entre estas. Cita as mulheres operárias, camponesas, domésticas que não estão nesta luta. Mas como tais perfis de mulheres iriam lutar? Se muitas vezes essas discussões chegavam de forma alienada a elas? (quando chegavam!) Seria adentrar em outro assunto que não convém para fugir da pauta levantada pelas mulheres já com mais acesso ao conhecimento.

Menezes y Morais segue sua abordagem ao tema procurando em suas palavras argumentar que tipo de mulher pedia a legalização do aborto, que segundo ele, não eram as oprimidas:

Os documentos distribuídos pelas entidades pró-aborto livre e gratuito têm uma linguagem clara dos documentos de esquerda. Mas não são de esquerda, porque a esquerda luta pela vida, livre e gratuita. E não pela morte. As mulheres que estão pedindo a legalização do aborto não são mulheres oprimidas. Podem sê-los dos seus maridinhos que ainda não resolveram suas contradições internas e bancam o jogo das máscaras, com famílias paralelas. Não assumem a tal sociedade e ficam enganando as mulheres e elas, na maioria dos casos, fazem o mesmo jogo deles. Uma meia dúzia de canalhas. (Inovação, n° 28, 1980, p. 22).

A invalidação feminina nessa citação traz seu foco na questão política. Afirmando que as feministas que buscavam a legalização do aborto se baseavam em posições de “esquerda”, e que o fato era contraditório, enfatizando que tal perspectiva defendia a vida e não a morte. A todo momento da matéria, as posições das mulheres são questionadas sempre pela falta de algo ou de embasamento político, assim como podemos perceber na passagem “seus maridinhos que ainda não resolveram suas contradições internas”. O ideário do que vinha a ser ação política, não passava, na visão do jornalista, por se tratar de direitos sexuais e reprodutivos. As causas políticas apresentavam o tom das questões trabalhistas, urbanas e agrárias, nunca pelas questões de gênero. Como observava Betânia, “o miolo da questão” era a desobjetivação da mulher”, pois:

A mulher durante séculos oprimida pelo oprimido, escrava do escravo, mutilada em seu direito de escolha, precisa se conscientizar de que deve ser sujeito de seus pensamentos e ações. Isto significa que a mulher deve reconhecer sua situação de opressão e procurar expressar a sua insatisfação, fazendo com que, as contradições por ela experimentadas nos relacionamentos sociais sejam superados. Ser mulher é mais que reproduzir a espécie ou submeter-se às injustiças como lei mandada dos céus. (Inovação, n° 25, 1979, p. 11-12)

Maria Joana Pedro e Carla Bassanezi Pinsky (2013), nos apontam que nas décadas de 1970 e 1980, principalmente organizações e militantes de esquerda costumavam criticar as

feministas²¹, considerando escandaloso que as mulheres pudessem atuar de forma autônoma, muitos enxergavam sua luta como se fosse:

[...] um desperdício de tempo que poderia ser mais bem empregado se fosse destinado à luta “maior” e “geral”. As facções políticas de oposição ao regime militar consideravam os grupos de consciência e as reivindicações específicas das mulheres como “desvio pequeno-burguês”. Acusavam as feministas de divisionismo, pois, ao invés de somar esforços, estariam promovendo a discórdia nas famílias e no campo da esquerda. (Pinsky; Pedro, 2013, p. 302)

À medida que a década de 1980 avança, textos referentes ao comportamento das mulheres, se manifestam nas páginas dos jornais. Um texto com o título “Só as universitárias entram de pernas de fora”, nos diz um pouco sobre as mudanças que chegavam e impactavam questões cotidianas:

No Campus universitário de Parnaíba a preocupação com o ensino é grande de tal forma que o ilustre diretor Lauro Correia ainda teve tempo pra se preocupar em abrir inquérito administrativo para apurar (ou intimidar) as causas que levaram o presidente do Diretório Acadêmico, Martins Jurity, a rasgar da parede por duas vezes, cartazes que proibiam a entrada no Campus de alunos trajando bermuda. Consta que o Reitor Camilo da Silveira Filho, todas as vezes que visitava nossa Faculdade desfilava pelos corredores de chinelo, bermuda, camisa aberta até embaixo e charuto no bico. O que os universitários estranharam foi a proibição não ser válida para pessoas do sexo feminino. Nota-se que quanto mais curto o short das universitárias mais satisfeitos ficam os autores da chamada “proibição”. Isto é dose pra muitos outros inquéritos.” (Inovação, n.º 40, 1982, P. 13)

Observa-se aqui uma outra forma de olhar, com tom de denúncia. Vemos o jornal apontar a discrepância entre as regras aplicadas a homens e mulheres, pois no contexto, enquanto os homens eram afetados pela proibição a certos tipos de roupas, as mulheres não eram sujeitas a ela. Além disso, a crítica é visível sobre o comportamento do Reitor Camilo da Silveira Filho, que segundo o jornal, desfilava pelo campus com chinelos, bermuda, camisa aberta e charuto no bico, contrastando com a proibição imposta aos estudantes. Essa discrepância entre as ações da administração e as expectativas impostas aos alunos nos leva a refletir sobre as normas de gênero e a desigualdade de tratamento dentro do ambiente acadêmico. A reivindicação dos homens, entretanto, não deixava de sexualizar os trajes das mulheres.

Em março de 1983, o *Inovação* vem com uma promessa em destaque, de trazer mais conteúdos relacionados às mulheres e suas questões com a seguinte colocação:

²¹ “Durante a década de 1970 e grande parte da década de 1980, o embate ideológico das ativistas ficou centralizado entre as “lutas gerais” (contra a ditadura, por mudanças sociais ou pelo socialismo, por exemplo) e as “lutas específicas” das mulheres (as pautas feministas propriamente ditas).” (Pedro, 2013, p. 301). Ainda assim, as mulheres eram julgadas por “dispersarem” as “causas” consideradas maiores.

8 de março é considerado internacionalmente DIA DA MULHER. É em torno do debate que se trava hoje sobre a participação da mulher na sociedade, que a partir desta edição publicaremos uma série de artigos, reportagens e entrevistas, sobre a mulher (Inovação, n.º42, 1983, P. 02)

É importante salientar que o Dia Internacional da Mulher vai fazer parte calendário brasileiro somente no ano de 1975, após (ONU) - Organização das Nações Unidas (ONU), reconhecer a data como um dos meios de conscientizar sobre a importância dos direitos femininos. Ou seja, tal data era ainda recente no calendário oficial do país. Contudo, nas quatro edições que se seguem após essa, nada é mencionado sobre pautas femininas. Mas, é importante pontuar que o mesmo exemplar produzido em março de 1983, traz um trecho transcrito do jornal “Folha de São Paulo” escrito por Marta Suplicy, sexóloga que movimentava a cena dos debates sobre sexualidade no Brasil:

Com a chegada da industrialização, as relações familiares se modificaram e a sociedade deu força total à valorização da mulher doméstica. E se de repente, ela resolvesse se autodeterminar? O sufrágio feminino, o divórcio e as manifestações de libertação feminina encontram a mais forte hostilidade. Bem, estamos chegando pertinho dos nossos dias. Temos o movimento feminista, tentando recuperar a mulher, e encontrando por parte da sociedade e das próprias mulheres - a maioria ainda engolindo todas essas bobagens seculares a respeito de si mesmas - viva reação. (Inovação, n.º42, 1983, P. 04)

Embora o contexto fosse desafiador para todas as vozes que buscavam mudanças, para além das questões sobre sexualidade, sabemos que - apesar de timidamente - as discussões sobre sufrágio, educação e trabalho, que também pautavam a luta das mulheres, também ecoaram na localidade, por meio dos textos do *Inovação*.

Os contrastes de opiniões entre suas edições são notórios. Em um exemplar de janeiro de 1984, observamos uma matéria chamada de “A sobrevivência de uma prostituta” onde Reginaldo Costa, Wilton Porto e Jonas Carvalho²² buscaram através de diversas perguntas sugestivas, entrevistar uma jovem de 17 anos - Regina, que parecia responder de modo desconfortável:

Reginaldo - Você acha que toda mulher não-virgem seja prostituta?

Regina - Não

Reginaldo - Que você acha da mulher virgem?

Regina - Eu sinto muita inveja. Quando eu era virgem... sei lá Era tão bom! E a gente que não é mais virgem, passa, mas ruas e só encontra home pra humilhar

Jonas - O que você faz da vida?

Regina - Tá difícil de falar. No momento acho que não faço nada. (Inovação, n.º 47, 1984, p. 06)

²² Correspondentes do jornal *Inovação* em Brasília, que fizeram a entrevista enquanto estavam em Parnaíba no período de férias.

Examinando a entrevista, vemos como perguntas indutivas podem denunciar a opinião de quem as profere. Reginaldo não deixa explícito, mas é aparente suas sugestões de que a virgindade possui caráter de valor determinante sobre as mulheres. Além disso, Regina diante desses questionários é colocada em uma posição vulnerável para compartilhar suas experiências pessoais, onde suas falas refletem a opressão que sofre. Mais à frente, retirando qualquer culpa da sociedade acerca da prostituição, Reginaldo pergunta: “Essa decisão de você entrar na “vida” partiu de algum problema pessoal, com sua família...” (Inovação, 1984 p. 06). A crítica dos preconceitos existentes nesse discurso é feita por uma leitora do jornal, naquele mesmo ano. Três edições depois em uma tiragem de outubro de 1984, uma psicóloga chamada Selene Villassanise Alberisa²³ rebate²⁴ à entrevista nos seguintes termos:

Achei em algumas perguntas uma carga muito grande de preconceito, e não percebi qual o sentido real, ou a intenção existente em algumas delas. Num momento da entrevista, quando é “perguntado o que é prostituição”, e imediatamente, o que ela ‘acha da mulher virgem’, acabou de estabelecer um paralelo, e surge então, nas entrelinhas, o famigerado fantasma cultural do Bem e do Mal. E aí eu me pergunto o que essa menina não sentiu ao se colocar na figura do mal, quando diz: ‘Eu sinto inveja. Quando eu era virgem... sei lá. Era tão bom...’ Mas adiante Reginaldo usa o termo “decisão” - “Essa decisão de você entrar na vida...” - Talvez tenha sido apenas uma escorregada, mas é preciso ter muito cuidado com as palavras, uma vez que a língua de um país pode ser tão tirana e opressora, e servir como mantenedora de um sistema sócio econômico tanto quanto qualquer outro instrumento. E no instante em que usou o termo “decisão”, ele imediatamente exime de qualquer responsabilidade a sociedade, uma vez que a vida que Regina leva passa para as pessoas e pra ela mesma como sendo uma opção sua [...] (Inovação, n.º 50, 1984, p. 06)

Selene convida ainda o leitor a ponderar sobre o papel que Reginaldo desempenhou como porta-voz de discriminações sociais durante a entrevista, mesmo que ele não estivesse consciente disso. A psicóloga enfatiza a importância de considerarmos com cuidado as ideias que lançamos, especialmente se tratando de um jornal: “Não acredito que o Reginaldo tivesse consciência do quanto estava sendo porta-voz dos preconceitos sociais, mas é bom que se faça uma reflexão em cima das ideias que lançamos ainda mais quando veiculadas para muitas pessoas” (Inovação, 1984, p. 06).

Selene também nos diz muito sobre como as mulheres letradas conseguiam fazer uma leitura sobre os caminhos da linguagem na opressão das mulheres, trazendo outros aspectos a se considerar acerca da violência física e simbólica presentes nas falas da jovem entrevistada:

²³ Não encontramos mais informações sobre Selene Villassanise Alberisa.

²⁴ É interessante perceber que havia certa democracia no jornal, uma vez que uma crítica foi trazida a público em suas páginas quando poderiam ter respondido em particular ou ignorado.

Mais adiante surge a violência física no seu estágio mais avançado, o opressor batendo no oprimido para sabê-lo mais oprimido, a necessidade de afirmação como dominador diante da presa indefesa. E como é terrível ouvir de Regina o estigma que marca a mulher desde as épocas ancestrais: “O homem sempre tem mais força que a mulher”.

E olha que Regina não teve nem a noção da extensão do que disse. É, Regina, o homem sempre é mais forte que a mulher, não porque esta seja fraca, mas porque a cultura deu a um o que negou à outra, ou seja, a oportunidade de testar sua capacidade e seu potencial como ser humano diante da vida. E com isso eu quero dizer que a amostragem física é apenas a exteriorização do que existe no inconsciente, tão somente o reflexo palpável da deformação psicológica e emocional a que estamos sujeitos em decorrência de uma educação repressora e alienante. No caso em questão, o que esse homem diz com seu gesto brutal é: eu como homem tenho o DIREITO, e você como mulher, tem o DEVER. (Inovação, n° 50, 1984, P. 06)

De acordo com Chartier (1995) a violência atinge vários níveis, inclusive por meio da própria imprensa de forma simbólica, que podem ser considerada uma propagadora de discursos dominantes. Ele diz que:

[...] a construção da identidade feminina se enraíza na interiorização pelas mulheres, de normas enunciadas pelos discursos masculinos. A ênfase deve, assim, ser colocada sobre os dispositivos que asseguram a eficácia desta violência simbólica que, como escreveu Pierre Bourdieu, "só triunfa se aquele(a) que a sofre contribui para a sua eficácia; ela só o submete na medida em que ele (ela) é predisposto por um aprendizado anterior a reconhecê-la". Um objeto maior da história das mulheres é então o estudo dos discursos e das práticas, manifestos em registros múltiplos, que garantem (ou devem garantir) que as mulheres consintam nas representações dominantes da diferença entre os sexos: desta forma a divisão das atribuições e dos espaços, a inferioridade jurídica, a inculcação escolar dos papéis sociais, a exclusão da esfera pública, etc. Longe de afastar do "real" e de só indicar figuras do imaginário masculino, as representações da inferioridade feminina, incansavelmente repetidas e mostradas, se inscrevem nos pensamentos e nos corpos de umas e de outros. (Chartier, 1995, p. 40).

Vemos então, como funciona a influência dos discursos na construção das representações femininas, ressaltando a necessidade de examiná-los para repensar as narrativas sobre as mulheres, afinal, a identidade feminina muitas vezes foi moldada pela inferiorização perpetuada pelos discursos masculinos.

Em uma outra matéria relacionada ao comportamento intitulada “Raimundo virou punk”, o jornal busca trazer um resumo do que estava sendo esse estilo de vida, e se referindo a banda musical *Sex Pistols*, vemos a mulher ao lado das palavras carro e maconha como sugestão de coisas que alienam o homem:

[...] Sex Pistols, o grupo que levou a revolta punk para os grandes meios de comunicação. Pontuando suas entrevistas com palavras e cuspidas, eles abriam os olhos da imprensa inglesa para injustiças sociais crescentes. Condenavam o capitalismo e o comunismo, por suas “propostas fascistas e de alienação das gerações que vieram depois”, perdidas no triângulo mesquinho: maconha/carro/mulher (Inovação, n° 49, 1984, p. 04)

A associação da mulher ao “triângulo mesquinho” mais uma vez reproduzindo rótulos de gênero, pois não só se refere a figura feminina como um elemento secundário ao homem, mas como algo que o desvincula do que seria socialmente correto.

Como pode-se ler, no que tange ao papel social da mulher no jornal *Inovação*, diante do exposto até aqui observamos algumas permanências, como sua imagem relacionada a alguém não deveria “empatar” lutas gerais com suas próprias pautas, ou conectadas à figura materna e a pobreza. Contudo, também as vemos superar dificuldades, usar suas vozes e rebater as críticas, assim como reivindicar por uma sociedade menos desigual. Luca (2013), compartilha sua visão acerca dessa dualidade. Para ela, as expectativas ligadas ao papel que as mulheres devem exercer facilmente são replicadas em meios de comunicação, apesar disso:

Trata-se de um jogo bastante complexo, no qual a imprensa nem sempre desempenhou o papel de guardiã da ordem, como atestam não apenas as publicações que se insurgiram contra modelos vigentes, mas a própria tensão observada no interior de certos veículos, capazes de abrigar posturas contraditórias e até mesmo excludentes. (Luca, 2013, p.536).

Explorando o jornal *Inovação* destaca-se a complexidade e a ambivalência presentes na representação da mulher na mídia. A imprensa, longe de ser apenas um reproduzidor passivo de normas sociais, mostra-se como um campo de disputas onde modelos tradicionais são tanto questionados quanto reforçados, ou sobrevivem entre mudanças. Essa dinâmica evidencia a importância de uma leitura crítica e consciente dos meios de comunicação, reconhecendo nos jornais o seu papel tanto na perpetuação de arquétipos, promotor ou divulgador de mudanças sociais, ou ainda expressando os conflitos que são próprios quando aparecem novas propostas comportamentais, em qualquer campo da vida social. Os jornais expressam a complexidade que é própria da sociedade, tanto quanto apoiam quando negam as mudanças que acompanham o mundo.

Considerações Finais

Entre 1977 a 1984 o estudo feito até aqui revela um panorama de controvérsias no que se refere à participação feminina no *Inovação*. As mulheres estão, sim, presentes tanto como narradoras quanto nas leituras feitas por outros. Além disso, o debate feminista se apresenta, ainda que às vezes apoiado, às vezes destrutado. O jornal, seguindo a linha de alternativo, evidencia temáticas que eram novas e combatia o reacionário. Como mostrado, a cultura de

distribuição de papéis de gênero enraizada, era muitas vezes ecoada de forma subentendida nas publicações. Apesar disso, a presença feminina, embora contida, desafiava a estrutura patriarcal estabelecida, o que demonstra a tensão entre as tentativas de discriminação e a resistência cultural, refletindo as relações de gênero na época.

A partir do nosso olhar - embasado por intelectuais no tema - trouxemos exemplos de que forma a imprensa serve como um revelador e reforçador das relações de poder dentro da sociedade. Vimos que por meio da análise das narrativas, dos espaços concedidos a diferentes vozes e da maneira como os eventos são reportados, é possível discernir quais dinâmicas são operantes. O *Inovação*, como grande parte dos periódicos, com suas nuances e subtextos, oferece um exemplo claro de como os meios de comunicação refletem as estruturas sociais existentes.

Acreditamos que este artigo de conclusão de curso possa oferecer uma contribuição, dentro de seus limites, para aqueles interessados no tema e/ou que buscam compreender as intrincadas interconexões entre periódicos, papéis sociais e a representação das mulheres nessa localidade. O *Inovação* emerge como uma fonte valiosa que oferece uma visão abrangente e significativa de diversos temas relacionados à cidade de Parnaíba - Piauí e região. Ao explorar e analisar esses aspectos, abre-se espaço para uma compreensão mais profunda das complexidades que permeiam não apenas o jornal, mas a sociedade em que está inserido.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. 1990. Traduzido por Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim, 2004. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/426/o/Bourdieu-Pierre-Coisas-Ditas.pdf>. Acesso em 10 fev. 2024.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CHARTIER, Roger. **A Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. **Cadernos Pagu**, 1995, p. 37-47.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre História e imprensa. Projeto História, São Paulo, v. 35, p. 253-270, dez. 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/2221>. Acesso em: 15 abr. 2024.

FREITAS, Anna Beatriz de Araújo. "Muié é cumo instrumento, precisa sê afinada quase a todos os momentos": as representações de gênero na imprensa em Parnaíba-PI nas décadas de 1940 e 1950. 2020. 86 p. (TCC) - Universidade Estadual do Piauí.

GODOY, Karine Natalie Barra; VIEIRA, Mariana de Paula. A construção das identidades de gênero na infância. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: https://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499466038_ARQUIVO_artigof_azendogenero.pdf. Acesso em 10 mai. 2024.

KREUZ, Débora Strieder. "Meu pai não parava um dia de trabalhar... E de fazer política": O exílio de Miguel Arraes (1965-1979). Varia Historia, Belo Horizonte, v. 39, n. 79, jan./abr. 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-87752023000100005>. Acesso em 01 mai. 2024

LUCA, Tania Regina de. Imprensa Feminina: mulher em revista. In: PINSKY, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

MENDES, Sérgio Luiz da Silva. Parnaíba nas Páginas do Inovação. In: Parnaíba: ver, sentir, dizer. (Orgs.): Frederico Osanam Amorim Lima. Idelmar Gomes Cavalcante Júnior. EDUFPI, 2015.

MENDES, Sérgio Luiz da Silva. SEM MEDIR AS PALAVRAS: atuações do Jornal Inovação em Parnaíba - PI (1977-1982). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Piauí, 2012.

OLIVEIRA, Pedro Vagner Silva. Súditos da "Princesa do Igarçu": trabalhadores em Parnaíba-PI na década de 1970. Temporalidades – Revista de História, v. 9, n. 2, p. [página inicial] – [página final], mai./ago. 2017. ISSN 1984-6150. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5768>. Acesso em: 14 abr. 2024.

PEDRO, Joana Maria. O feminismo de "segunda onda": corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: Edusc, 2005.

PINSKY, Carla Bassanezi. Imagens e representações 1: a era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. O poder do macho: São Paulo, Moderna, 1987.

SANTOS, Márcio Renato do. Desbunde poético. In: Os malditos do mimeógrafo. CÂNDIDO, Jornal da Biblioteca Pública do Paraná. 2015.

SARTI, Cynthia Andersen. **O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória.** Estudos Feministas, Florianópolis, p. 35-50, maio-agosto/2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/QVNKzsbHFngG9MbWCFPPCv/?lang=pt>. Acesso em 09 mai. 2024.

SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989. Traduzido por Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila, [data da tradução não informada]. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em 14 jan. 2024.

SOIHET, Rachel. Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários. Estudos Feministas, Florianópolis, 13(3): 591-611, setembro-dezembro/2005.

FONTES

JORNAL INOVAÇÃO, Nº 01, 1977, Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº 02, 1978, Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº 04, 1978, Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº 07, 1978, Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº 08, 1978, Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº 09, 1978, Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº 22, 1979, Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº 23, 1979, Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº 24, 1979. Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº 25, 1979. Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº 26, 1980, Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº 27, 1980. Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº 28. 1980. Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº 29, 1980. Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº 30, 1980, Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº 34, 1981, Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº 35, 1981, Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº 36, 1981, Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº 37, 1981, Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº 38, 1981, Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº 39, 1982, Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº 40, 1982. Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº 41, 1982. Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº42, 1983. Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº 43, 1983, Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº 44, 1983, Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº 45, 1983, Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº 46, 1983, Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº47, 1984. Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº 48, 1984, Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº49, 1984. Parnaíba - PI.

JORNAL INOVAÇÃO, Nº50, 1984. Parnaíba - PI.

SITES

<http://www.mundosdotrabalhopi.com.br/p/jornais.html>. Acesso em 09 mai. 2024.

http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/distrito_federal/menezes_morais.html.

Acesso em 01 mai. 2024.

<https://palavranario.com/as-freneticas/>. Acesso em 30 abr. 2024.